



Diretor-Redator-Chefe: Sebastião A. B. de Carvalho (ABI)

Vice-Diretora: Rosa Maria Werneck Rossi de Carvalho

**DIVULGANDO A LITERATURA E AS ARTES PLÁSTICAS**

ANO: 03

NOVA FRIBURGO RJ, 2 de outubro de 2016

Nº 23

**“Mão de Luva não foi um bandido, mas o heróico desbravador da Região Serrana Fluminense!” - palavras do sociólogo Sebastião Carvalho em palestra na Academia friburguense de Letras dia 23/9/16.**

**Contra o preconceito social que criou uma falsa versão sobre Manoel Henriques, desvirtuando a história de toda esta região, o palestrante apresentou, baseado em documentos oficiais, a verdadeira história de Mão de Luva apontando-o como um grande benfeitor que merece ter a imagem resgatada.**

**T**udo indica que o povo não tem consciência do malefício que a versão “romântica” ou lenda sobre Mão de Luva tem causado contra a história da Região Serrana Fluminense. Há pessoas que, ingenuamente, pensam que podem escolher entre essa versão fantasiosa e a conclusão de estudiosos sérios, que repudiam a criação de Acácio Ferreira Dias, na década de 1940, relatando um romance platônico entre Manoel Henriques e a Rainha Maria I, de Portugal. Com a edição on line de meu livro **A ODISSEIA DE MÃO DE LUVA**, e esta palestra na AFL, procuramos restabelecer a verdade histórica, reagatando a dignidade de Manoel Henriques, Mão de Luva. Eis as fotos obtidas pela Sra. Ana Lúcia Canto. Matéria extensa sobre o assunto na página 2.



Sociólogo Sebastião A.B. de Carvalho, ao iniciar sua palestra, na mesa formada pelos Acadêmicos Hartmut Riedmaier, Leyla Mello, Paulo Jordão, Robério Canto e George dos Santos Pacheco.



O Prof. Robério Canto, Presidente da AFL, apresentando o palestrante, Sociólogo Sebastião A.B. de Carvalho, tendo ao lado o acadêmico George dos Santos Pacheco.



O Sociólogo Sebastião A.B. de Carvalho apresentou provas contundentes sobre o caráter pacífico do brasileiro Manoel Henriques, desmascarando a “lenda” que o coloca como um nobre português desterrado, amante da Rainha Maria I.



O Acadêmico George dos Santos Pacheco apresenta dados biográficos do palestrante, Sociólogo Sebastião A.B. de Carvalho, que tem ao lado o Presidente da AFL, Prof. Robério Canto. Ambos muito atentos à leitura.



Vistas parciais do público que assistiu à palestra do Sociólogo Sebastião A.B. de Carvalho na AFL dia 23/09/16. sobre Manoel Henriques, o Mão de Luva.

DOIS ANOS DE ATIVIDADE: 2/10/14 - 2/10/16



**J**ornal Cultural de Nova Friburgo foi o título criado pelo jornalista Sebastião A.B. de Carvalho quando em 2 de outubro de 2014, lançou este jornal “on line”.

Contou desde o início, com o apoio de pessoas de destaque no meio intelectual da cidade, como o Prof. Robério José Canto, presidente da Academia Friburguense de Letras, o Prof. Hamilton Werneck, prestigioso palestrante sobre temas educacionais, a Jornalista Elisabeth Souza Cruz, brilhante poetisa, presidente da UBT Nova Friburgo. Prosseguimos, assim, editando este jornal, contribuindo para o progresso cultural de nossa cidade.

Os que fazem o jornal



Jornalistas Sebastião e Rosa Maria



Prof. Robério



Prof. Hamilton



poeta Elisabeth

São estas pessoas que mantem o nosso jornal, mensalmente renovado.

## Mão de Luva e a Região Serrana Fluminense

Sebastião A.B. de Carvalho, editor do Jornal Cultural de Nova Friburgo

AO invés de ficarem discutindo sobre se foram os suíços ou os alemães os construtores de Nova Friburgo, os historiadores poderiam pesquisar mais sobre Manoel Henriques, o Mão de Luva, livrando-se de falsas versões que o colocam como um facínora ou um fidalgo desterrado, amante de D. Maria I — para descreverem sua verdadeira epopéia de desbravador da Região Serrana Fluminense.

DESCONSIDERAR assim um homem que, arrostando grandes perigos, penetrou na selva, em busca de ouro, contrariando as autoridades portuguesas e brasileiras, e conseguiu edificar e manter por muitos anos, suas rancharias, nas bacias dos rios Negro, Macuco e Grande. é um crime contra a história do Estado do Rio de Janeiro e do Brasil!

VAIDOSOS, pseudo-historiadores e literatos ávidos de sucesso e notoriedade, criaram versões fantasiosas, aproveitando-se da ignorância geral, inclusive de órgãos oficiais (!) para implantarem nos anais e nas mentes do povo certas falsidades que muito tem prejudicado a pesquisa séria, pois os espaços já teriam sido indevidamente preenchidos!

NO livro O TESOURO DE CANTAGALO, que está na segunda edição on line =(www.nitcult.com.br/TreasureFINAL.pdf) colocamos a verdadeira história desse famoso personagem, baseados em exaustiva pesquisa documental feita em arquivos oficiais no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte, no ano de 1991 e depois.

PROVAMOS, com embasamento científico, todas as nossas conclusões, restabelecendo a verdade histórica sobre Cantagalo, sua origem e colonização. A versão “romântica” sobre Manoel Henriques, o Mão de Luva, foi rechaçada, por inverídica, assim como a falsa versão que explicaria a origem da denominação “Cantagalo” para estas terras!

MÃO DE LUVA não sofreu traição de um de seus companheiros, mas foi enganado por militares infiltrados por São Martinho...

MÃO DE LUVA não foi amante de D. Maria I de Portugal, mas foi casado, na Igreja Católica e teve filhos...

MÃO DE LUVA não era português, mas brasileiro, natural de Ouro Branco, MG...

## O LUVA religioso...



**MÃO de LUVA ensinava jovens índios a rezar! conforme registrado no relatório do Sargento-Mor São Martinho, que o prendeu e assim reconheceu no dia 14 de maio de 1786... Na foto, Mão de Luva, São Martinho e jovens índios, em unção mística.**

MÃO DE LUVA tinha três irmãos, que trabalharam com ele no garimpo clandestino dos Sertões de Macacu. ...

MÃO DE LUVA não foi um assaltante perigoso, como algumas autoridades da época quiseram impingir, mas um desbravador pioneiro, que prezava a religião, chegando a se casar e ensinar jovens índios a rezar! Isso está registrado no relatório do Sargento-Mor São Martinho, que o prendeu e assim reconheceu no dia 14 de maio de 1786...

BASEADOS em tudo isso, propusemos à Câmara Municipal de Cantagalo, a criação do Dia do Desbravador de Cantagalo, que seria justamente quando São Martinho, tendo efetuado a prisão de Mão de Luva, reconheceu-o, no dia seguinte, 14 de maio de 1786, como um homem religioso.

HOJE expandimos a ideia, pois na verdade a atuação de Manoel Henriques estendeu-se por toda esta Região Serrana Fluminense, notadamente nos municípios de Cantagalo, Bom Jardim e Nova Friburgo, onde existem traços inequívocos de sua passagem... Mão de Luva merece, pois abriu caminho para o nosso futuro, para as fazendas de café, a agropecuária e a industrialização.

## Mensagem do Diretor do Jornal Cultural



Jornalista Sebastião A.B. de Carvalho

### Mão de Luva: Uma vida de luta pela liberdade no Brasil-Colônia

**Q**ue me desculpem Acácio Dias, Amélia Tomás, onde quer que estejam, e todos que ainda cultivam a tal “Lenda” romântica sobre Manoel Henriques, Mão de Luva, que teria vivido um romance platônico com a Rainha Maria I, mas a



verdade está bem longe do que fantasiou o ilustre historiador cantagalense, pelos idos de 1940...

São várias as inverdades atribuídas a Mão de Luva e perpetuadas em sites da Prefeitura e do IBGE, entre outros...

Em meus livros **O TESOURO DE CANTAGALO** e **A ODISSEIA DE MÃO DE LUVA** (1991 e 2015 respectivamente) desmistifiquei a trama alimentada pelo preconceito social dos referidos escritores, lançando luz sobre a vida de Manoel Henriques, baseado em documentos oficiais do século XVIII, existentes na Biblioteca Nacional e nos Arquivos do Rio de Janeiro e de Minas Gerais.

Com embasamento científico, em nossas conclusões, restabelecendo a verdade histórica sobre Cantagalo, sua origem e colonização, **PROVAMOS QUE:**

**MÃO DE LUVA** não sofreu traição de um de seus companheiros, mas foi enganado por militares infiltrados por São Martinho... **MÃO DE LUVA** não foi amante de D. Maria I de Portugal, mas foi casado, na Igreja Católica e teve filhos... **MÃO DE LUVA** não era português, mas brasileiro, natural de Ouro Branco, MG... **MÃO DE LUVA** tinha três irmãos, que trabalharam com ele no garimpo clandestino dos Sertões de Macacu. ...

**MÃO DE LUVA** não foi um assaltante perigoso, como algumas autoridades da época quiseram impingir, mas um desbravador pioneiro, que prezava a religião, chegando a se casar e ensinar jovens índios a rezar! (FOTO). Isso está registrado no relatório do Sargento-Mor São Martinho, que o prendeu e assim reconheceu no dia 14 de maio de 1786... **BASEADOS** em tudo isso, propomos a criação do Dia do Desbravador da Região Serrana Fluminense, que seria justamente quando São Martinho após a prisão de Mão de Luva, reconheceu-o como um homem dedicado à religião...

## Vincent van Gogh, mestre na pintura e na filosofia...



Estamos assumindo o extraordinário artista plástico VINCENT VAN GOGH como patrono de nossos trabalhos no âmbito das letras e das artes, tendo em vista não só a sua notável obra material, mas também o legado de suas considerações expressas em várias oportunidades. mostrando tratar-se de um Ser de alta envergadura espiritual.

### Um quadro de van Gogh

Vincent van Gogh - óleo s/ tela. **Amoreira**

Saint-Rémy: outubro, 1889



Sobre “Amoreira”

Extraído do site Van Gogh's Gallery.com. Tradução: SABC

Em **Amoreira**, de Van Gogh vemos uma árvore crescendo de um terreno rochoso. No princípio de outubro, 1889, ele enviou algumas poucas pinturas, que denominou de *Estudos*, para seu irmão. Em todas as palavras que descreveram esta amoreira, e o tempo em que a pintou, ele parecia feliz. Ele de fato escreveu “Eu lhe direi que estamos tendo soberbos dias de outono, e que estou tirando vantagem deles.” Em dezembro ele enviou algumas pinturas para seu irmão, em Paris, mas foi a Amoreira que disse ser sua favorita.

A Amoreira mostra uma árvore do jardim do sanatório. Ela está centrada na tela e crescendo sozinha de uma colina rochosa. O chão é feito com curtas e rápidas pinceladas de marrons claros e pálidos. Cria-se assim um forte contraste com o verde e marron escuro do tronco da árvore. À direita, veem-se mais verdes, indicando árvores e brotos à distância. As folhas da árvore compõem a maior parte da pintura, laranja contra a cor complementar do céu azul. Foi aquele “soberbo outono” que deu a Vincent as brilhantes folhas laranja. O chão e o céu são feitos na maioria de pinceladas retas e diagonais, enquanto as folhas da árvore são feitas de curvas espirais em laranja e preto, às vezes feitas com toques de esponja.

A Amoreira, de Van Gogh, é um grande exemplo de seu trabalho e mostra um interessante *insight* para sua vida. Suas cores brilhantes indicam seu interesse em Impressionismo, pois esta pintura, com algumas poucas, foi incluída na mostra da Société des Artistes Indépendants em 1890. Sua vida foi dedicada à arte, e suas cartas são quase totalmente devotadas ao assunto. Esta pintura mostra seu conhecimento da teoria da cor, sua consciência da moderna direção da pintura, e seu lugar no mundo. Não importa o que estivesse acontecendo em sua vida, se estivesse vivendo numa casa com um amigo, ou como um paciente num hospital psiquiátrico, tudo que Van Gogh podia fazer era prosseguir e pintar.



TELAS DE RM Carvalho - óleo sobre tela:

[VER Pág. 10](#)

**MÃO DE LUVA E TIRADENTES, nossos heróis da liberdade do Brasil-Colônia, tiveram em que se basear para justificarem seus esforços contra o jugo da Coroa Portuguesa, no século XVIII: A obra do CÔNEGO LUIZ VIEIRA DA SILVA, que atuava na região de Ouro Branco MG. Para conhecimento de todos, transcrevemos um trabalho publicado na Internet. Ei-lo:**

### **Nosso Inconfidente CÔNEGO LUÍS VIEIRA DA SILVA**

O Inconfidente Cónego Luís Vieira da Silva nasceu em Ouro Branco a 20 de fevereiro de 1735, sendo seus pais o Alferes Luís Vieira Passos, que vivia do ofício da lavoura e do ofício de carpinteiro, e sua mulher Josefa Maria do Espírito Santo, ambos portugueses, casados no Brasil na capela de Santo Antônio do Arraial da Soledade, hoje Lobo Leite, na época pertencente à freguesia de Ouro Branco.

Aos quinze anos entrava para o Seminário de Mariana, onde estudou dois anos, indo depois completar o curso de Filosofia, em que se graduou, e de Teologia Moral, no colégio dos Jesuítas em São Paulo.

Recebeu todas as ordens do Bispo D. Frei Manuel da Cruz, e já antes de seu sacerdócio exercia o magistério no Seminário Episcopal de Mariana, regendo a cadeira de Filosofia, a qual esteve a seu cargo, com pequenas interrupções, até o dia em que o prenderam.

Foi vigário da vila de São José Del Rei, cuja paróquia passou ao Padre Carlos Correia de Toledo e Melo, mais tarde seu companheiro inconfidente.

Apresentado por C.R de 1781 ao canonicato que vagou por óbito do Cónego Francisco Gomes de Sousa, só pode ser colado em virtude de um recurso à Coroa, a que deu provimento o Ouvidor Tomas Antonio Gonzaga, firmado em luminosas razões que muito acreditavam a ciência jurídico-canônica do inditoso Tomaz. Mais tarde também seu companheiro inconfidente.

O Padre Luís Vieira caíra no desagrado do Cabido. Acusavam-no de simonia. Incorrera a pena de excomunhão. Portanto, não podia ser colado.

Tudo, porém, não teria passado de calúnia, segundo o Cónego Trindade, que diz na obra "Arquidiocese de Mariana, subsídios para sua historia": "As razões de Gonzaga deitaram por terra a calunia e intimaram a colação, que se verificou pacificamente perante o vigário geral Vicente Gonçalves a 25 de março de 1783".

Em uma memória histórica sobre a capitania de Minas Gerais, escrita em 1806 e atribuída ao Dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos, figura a relação das pessoas ilustres da Capitania, da qual consta esta referencia. "Luís Vieira da Silva, presbítero secular, antigo lente da Filosofia da cidade de Mariana, possui um grande fundo de erudição: seus discursos oratórios lhe granjearam créditos, e suas desgraças, compaixão".

Os discursos por ele pronunciados "O elogio fúnebre do Revmo. Dr. Lourenço José de Queiros Coimbra e Vasconcelos, a 12 de outubro de 1784, na Matriz de Sabará e a oração fúnebre nas exéquias do Infante D. José de Portugal, em Vila Rica", bastou para que o historiador Joaquim Norberto de Souza Silva o considerasse o mais eloquente dos homens implicados na conjuração.

Pelos AUTOS DA DEVASSA, sabe-se que o Luis Vieira da Silva era Cónego da SÉ de Mariana, e quando o prenderam, contava com cinqüenta e quatro anos de idade, tinha mãe que, com duas filhas solteiras, passava necessidade no arraial do OURO BRANCO, de onde se disse natural. ( vol. II, p. 115, dos autos da devassa da Inconfidência Mineira).

Era o mais instruído dos conjurados. O erudito Alberto Faria o considerou "a maior ilustração colonial da época"; isto é, a pessoa mais instruída do Brasil em fins do séc. XVIII.

Era um patriota que acreditava na implantação de um governo independente no Brasil, a exemplo do que acontecera com os Estados Unidos.

O cónego era o estrategista da conjuração e um dos encarregados de elaborar as leis da república que aqui se implantaria.

Foi preso e deportado em 1792 para Portugal, a fim de cumprir pena de prisão perpétua. Esteve 04 anos na fortaleza de São Julião e depois para diferentes conventos. Em fins de 1801 recuperou a liberdade e, segundo consta, retornou ao Brasil indo viver em Angra dos Reis, onde faleceu.

Muito pouco se sabe sobre a vida do Cónego Luis Vieira da Silva. Como muito pouco se sabe sobre a vida dos outros inconfidentes, principalmente aqueles ligados á Igreja Católica.

Conhecia como poucos o pensamento social e político e a ação pedagógica do iluminista racionalista Luis Antonio Verney, deflagrador do movimento de renovação mental de Portugal.

Acontecia na França a revolução LIBERAL. Falava-se em IGUALDADE, LIBERDADE e FRATERNIDADE. Pela geometria espacial três pontos determinam um plano. O triângulo da Santíssima Trindade na Bandeira dos Inconfidentes. PAI, FILHO E ESPÍRITO SANTO.

A influência da Maçonaria entre os inconfidentes, pois quase todos eram maçons. Assim criaram a bandeira com os dizeres "libertas quae sera tamen". Liberdade ainda que tardia, contornando exatamente um triângulo.

O movimento, por outras razões, teve que ser interrompido.

Vinte e um anos após o retorno do Cónego do exílio, o Brasil se tornou independente.

O que fica como orgulho para OURO BRANCO está relatado na História da Conjuração mineira de J.Norberto de Sousa Silva "Era ele o mais instruído e o mais eloquente de todos os conjurados, e houve-se nos seus interrogatórios com muita dignidade. Não se culpou, como Tiradentes, convertendo a leviandade em confissão heroica. Não lançou a culpa à conta de seus companheiros de infortúnio, como Alvarenga Peixoto. Não procurou vingar-se pela delação, conluindo-se para isso com os Toledo e Oliveira Lopes. Não converteu a amizade em ódio e o ódio em delação, como o Padre José da Silva. Não converteu o martírio em suicídio, como Cláudio Manoel da Costa. Não argumentou com a lógica escolástica e os sofismas de Gonzaga. Defendeu-se com a energia da sua inocência, com a dignidade de seu merecimento, com o entusiasmo do amor à pátria e profetizou a independência da terra que o viu nascer".

# Zygmunt Bauman na Academia Friburguense de Letras

Sociólogo



## A LIQUIDEZ DO HOMEM PÓS-MODERNO



ACADEMIA FRIBURGUENSE DE LETRAS

Fundada em 22 de junho de 1947

Reconhecida de utilidade pública pelo Conselho Estadual de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Cultural (CONDEPHAAT) e pelo Conselho Estadual de Cultura (CEC) - Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro



CONVERSANDO COM BAUMAN

PALESTRA COM A SOCIÓLOGA

GENI AMÉLIA NADER VASCONCELOS (Coord.)

GRUPO DE ESTUDOS MEMÓRIA, IDENTIDADE E ESPAÇO

05 DE OUTUBRO

EVENTO GRATUITO



"Culturar a arte é abalar o espírito"

Praga Presidente Getúlio Vargas, 57,  
Centro, Nova Friburgo - RJ

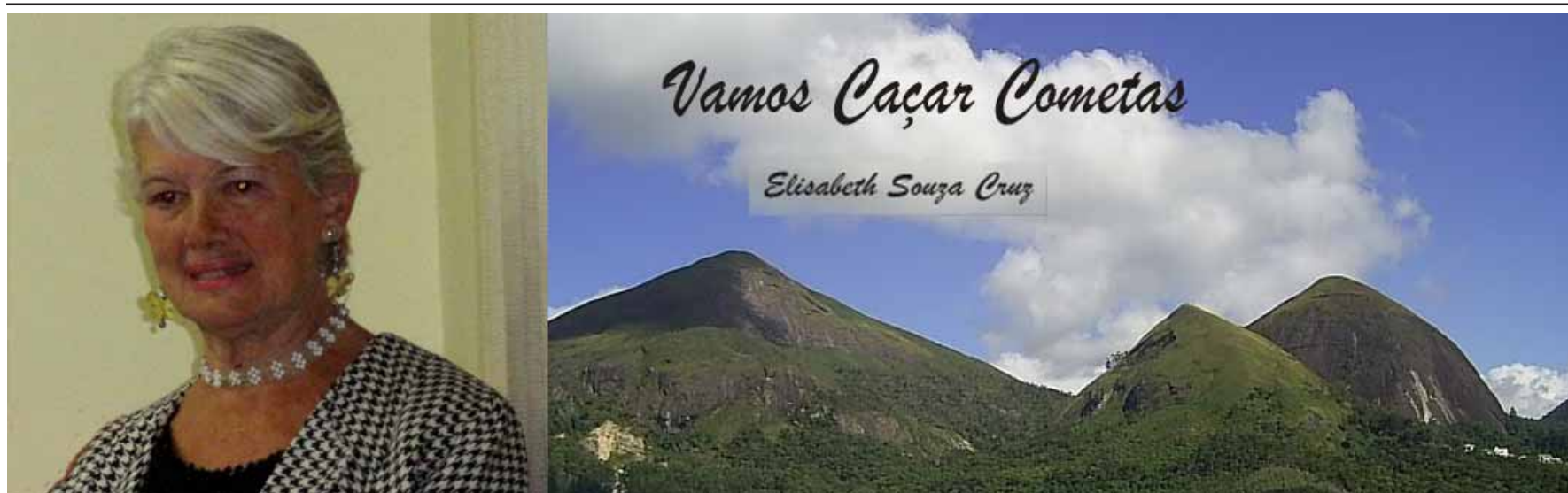
letrasnf@bol.com.br

### Um pouco sobre as ideias de BAUMAN

O processo simbólico de liquefação dos valores mais elevados da condição humana manifesta-se em diversas perspectivas de nossa vida em sociedade, tendo como característica comum a incapacidade de nos relacionarmos com a pessoa do "outro" de maneira plena, compreendendo assim a sua subjetividade e singularidade. Tendemos sempre a valorar a figura do "outro" tal como ela se apresenta diante de nós e não nela mesma, decorrendo daí os preconceitos, as diversas expressões de intolerâncias, em suma, a incompreensão da subjetividade do "outro", que, infelizmente, progressivamente perde a sua própria natureza humana, singular, única, para se tornar uma mera coisa com a qual nos relacionamos de maneira fria, egoísta e superficial.

Um dos sintomas mais evidentes da "sociedade líquida" em que vivemos é a intolerância da massa social diante de tudo aquilo que de alguma maneira se considera como desvio de conduta ou que destoa dos padrões vigentes. Todo tipo de comportamento ou modo de ser que supostamente não se coaduna com nossos princípios particulares torna-se digno de nosso mais terrível desprezo, pois no fundo queremos ver estampado no rosto do "outro" um pouco daquilo que nós mesmos somos. Tudo aquilo que se expressa como "diferente" diante de nossos olhos é imputado enfaticamente como "extravagante", merecendo assim a nossa reprovação imediata e o convite ostensivo a adequar-se aos nossos conservadores parâmetros axiológicos. Caso a resposta do "outro" diante de nossa exortação seja negativa, nos considerados no pleno direito de desprezar a expressão da diferença. Esta é a lógica excludente da neurótica sociedade pós-moderna, despreparada para interagir com a diversidade de perspectivas, pois para o indivíduo acomodado nos seus valores conservadores, é muito mais fácil tentar modificar o outro do que a si mesmo. Sempre a figura do "outro" é a culpada pela minha insegurança e derrota. É através desse tipo de ponderação que surge o espírito de tensão diante das ameaças terroristas, pois os governantes, interessados na manutenção do domínio político sobre a massa social, elegem como figura inimiga o outro, o intruso do país, tal como vemos atualmente na tendência absurda de considerar todo muçulmano como um terrorista em potencial. Os medos nos estimulam a assumir uma ação defensiva. Quando isso ocorre, a ação defensiva confere proximidade e tangibilidade ao medo, segundo a análise de Bauman (*Tempos Líquidos*, p. 15).

**Palestra na Academia Friburguense de Letras, dia 5 de outubro de 2016. Entrada franca. Uma excelente oportunidade para conhecer a teoria de um arguto observador da realidade humana.**



## Eu não sirvo para acompanhar novela!...

Aguardando o início de um evento, a televisão ligada transmitia uma novela, dessas do horário nobre. A cena era sobre uma pessoa que fora amarrada com uma corda transpassada ao corpo, totalmente imobilizada, estirada ao chão. Na sequência, entra em cena um segundo personagem, que tenta desfazer o nó. Logo depois, chega mais um integrante da trama e eles resolvem levar o amarrado para outro local, na tentativa de o soltarem daquele infortúnio. (Parecia até o nó de Górdio). E a cena seguia numa algazarra, num estardalhaço, vira daqui, vira dali e nada. Nisso, a audiência do meu senso crítico, logo deu a solução – “poxa, por que não pegam uma tesoura, uma faca? É só cortar a corda!! Acorda, gente!



Ilustração sobre a recentemente terminada novela da Globo

Dias depois, comentando a cena numa roda de conversa, eu disse – só mesmo um imbecil pra gostar daquilo! E a moça, ao meu lado – “Eu adorei! Eu ri pra caramba!” – Bem, se fosse um programa humorístico, nem pra eu dar risadas serviria. Na verdade, o problema deve ser comigo, que ando muito pé no chão, pois se a corda fosse cortada logo no início da cena, que graça teria? Como prenderia a atenção do telespectador? Como os artistas teriam a chance de desenvolver suas performances?

A magia da novela é essa – nada pode ser decidido instantaneamente. É uma trama envolvente que deixa o óbvio para o último capítulo. No emaranhado da história é preciso “encher linguiça” para preencher o tempo determinado pelas conveniências dos interesses gerais. Nada mais se assemelha às singelas produções na telinha em preto e branco. Tudo se transformou com velocidade espantosa, os recursos de produção ganharam técnicas avançadíssimas e hoje temos obras primorosas, sendo o Brasil até exportador de novelas.

Diferente das tramas cinematográficas em que o público se envolve por períodos de cento e noventa e poucos minutos, as novelas se prolongam por meses, criando hábitos e ditando normas. É comum os fãs deixarem seus afazeres e passeios, porque não podem perder os capítulos. As semanas finais, então, nem se fala! Em dia de último capítulo nem é bom marcar eventos ou reuniões – não vai ter audiência!

Há nos tempos modernos um grande diferencial em relação ao passado da dramaturgia. Com os interesses da indústria da comunicação e a facilidade de inteiração com o público, as tramas se desenvolvem de acordo com os índices de audiência. Os enredos começam com um roteiro que varia em função das pesquisas. As redes sociais têm sido um grande indicador de tendências e os telespectadores interagem, influenciando mudanças, dando pontos para um ou outro personagem.

Contudo, o básico de uma trama é sempre a mesma história – os vilões fazendo maldades inimagináveis (e que vão morrer no último capítulo). Na cabeça de seus produtores, a morte ainda é o melhor castigo para os malvados! Um ou outro caso de amor, porque ninguém suportaria a falta

de romantismo. Os autores também lançam mãos de recursos sociais, inserindo temas como preconceitos, tráfico de drogas, de pessoas e tudo o mais que esteja em voga na sociedade. Se uma vertente do roteiro não estiver dando ibope será preciso uma intervenção para que as coisas mudem diante do “mercado alvissareiro da mídia”. Se hoje falamos em quarto poder – o da mídia, já despontou o quinto poder – o das massas. Em todos os sentidos, os telespectadores deixaram a condição de elementos passivos para se manifestarem, a ponto de influenciar, no caso das novelas, a mudança do andar da carruagem.

Que vício é esse que prende o telespectador numa gaiola de ilusão? Ao mesmo tempo, quais motivos prenderiam a audiência se não fosse a ilusão? Quando o cansaço físico impede de produzir alguma coisa por conta própria, quando não se quer pensar algo mais complexo e a preguiça mental se sobrepõe, instigada pelo controle remoto, vale tudo pelo fascínio da novela, estirando o corpo num sofá. A televisão, conhecida como “babá eletrônica”, é capaz de produzir um efeito balsâmico depois de um dia de tribulações. Tão eficiente é a babá que até induz ao sono, mas o horário da novela é sagrado – ninguém dorme, pois, é preciso estar por dentro para ter o que comentar no ambiente de trabalho, nas rodinhas de amigos e até no bar da esquina. E tem mais, novela deixou de ser apenas um hobby de mulher. O comportamento humano atual nem permite mais essas especificações de gênero. Assim, novela é coisa de gente.

Os dramaturgos garantem que as novelas mostram o cotidiano, como se fosse uma reprodução da vida real. Mas, cá pra nós, bem extravagantes. São palácios – meros cenários, que deixam qualquer um babando. Mulheres lindas, bem sucedidas, que acordam maravilhosas, bem penteadas, mas que ficaram horas a fio, nos estúdios de maquiagem. Mulheres que choram sem olhos vermelhos, inchados; homens sedutores, bem vestidos, impecáveis, dia após dia. Governantas e mordomos, daqueles que se sonha para a casa da gente. Mesas maravilhosas, comidas que surgem do nada, festas, brigas, crimes, trapanças, apelos sexuais, corpos sarados - maquiados, num deslumbramento hollywoodiano, na tentativa de interpretar a vida como ela é e, muitas vezes, não é.

São verdadeiras fábricas de entretenimento, mostrando lugares, criando moda, difundindo marcas, formando opiniões, mesmo que temporárias. São personagens apaixonantes, amados, odiados, que, muitas vezes, passam a ditar comportamentos, criam jargões – “Não é brinquedo, não, dona Jura!”. São enganos que não comprometem e é tão cativante, tão íntimo, que a pessoa diz – “Vou ver minha novela!”. Entretanto, o olhar crítico do telespectador não pode se dispersar na ilusão de que tudo o que é oferecido é para ser digerido com a mesma intensidade. Por mais que essa arte queira ser a imitação da vida, no mundo real, não é bem assim que a banda toca! É preciso estar atento - um olho na novela, outro nos enunciados!

### Novelas são inutilidades

Sebastião A.B. de Carvalho

Concordo que novelas são algo que não deve ser diversão para um intelectual, especialmente se tiver alguma inclinação para a esquerda! De tantas sandices produzidas pelos escravos do capitalismo, as novelas da Globo e tantas outras, deveriam ser banidas de nosso cotidiano! Há tantas outras coisas para serem feitas e aproveitadas, com benefício real para a população!... Novelas são expressão do domínio de mentes que se venderam ao dinheiro, sobre mentes simples de trabalhadores e desocupados! Não dá para aceitar que tanto dinheiro seja gasto com essas inutilidades e fantasias! Não há tempo a perder! Vou-me embora agora mesmo: **Está na hora da minha novela preferida!**



## CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA 4 - (final)

Vem da edição anterior...

De onde se espera a paz, surge a guerra contra os que pensam diferente e acreditam de modo diferente dos outros. Lá pelo ano 2.500 A.C. na região do atual Iraque, surgiu um filósofo chamado Mani que disseminou uma doutrina com dois polos antagônicos: o bem e o mal; o certo e o errado, numa total dicotomia. O resultado era simples e objetivo: quem não está comigo, está contra mim.

Mani é oposto a Aristóteles que, em *Ética a Nicômaco*, defende que a virtude está no meio termo e acrescenta: "as virtudes não são paixões nem faculdades, só podem ser disposições".

Em Mani temos a origem dos radicalismos, pessoas que não conseguem ver virtudes nas outras, por serem diferentes.

Olhando a história humana conseguimos verificar que os fundamentalismos foram tomando conta das religiões, da economia, da política, da concepção das raças e etnias. Os fundamentalismos levam ao caminho tortuoso do ódio contra o outro.

Somente nesta ótica podemos entender a violência praticada contra uma menina de 11 anos quando saía de um ritual de Candomblé, no Rio de Janeiro. E mais: não sendo suficiente a pedrada que levou na cabeça e os xingamentos que ouviu, teve que se submeter a outro vexame quando chegava ao IML para exame de corpo de delito, quando surgiram mais agressões verbais.

Vemos, então, que os problemas deixaram de ser jihadistas ou do boko-horan na Nigéria. Eles também são nossos porque estamos presenciando um florescer de perversidades, radicalismos, fundamentalismos e maniqueísmos.

Por incrível que pareça, um clima típico da Idade Média está retornando e tomando, aos poucos, contornos inquisitoriais e de intolerância.

Estas atitudes são incompatíveis com a doutrina cristã e praticadas por pessoas que distorcem aquilo que lhes foi ensinado nos templos e igrejas.

O velho ditado diz que é de pequenino que se torce o pepino, o que significa que as autoridades precisam atuar com energia, o mais breve possível, para evitar o alastramento desses disparates que ferem a Constituição Federal, não são exemplos de virtude e,

sim, de agressão descabida ao ser humano em seus direitos de expressão, convivência e crença.

Penso que a escola tem a sua culpa, em se tratando de macroestrutura, quando descarta a questão da convivência escolar. Os valores da convivência não estão sendo tratados devidamente, a não ser quando se deseja punir, castigar e oprimir o educando através de uma disciplina distorcida da boa e necessária educação.

Às vezes também penso que a virtude não pode estar no meio termo, caso contrário os arco-íris teriam a cor cinza. Uma virtude no meio termo poderia ser mediana ou medíocre e, para solucionar certos problemas temos de ser *freirianos*, ir à raiz deles.

Algumas práticas pedagógicas dentro de escolas e de conventos podem fazer mais mal do que bem.

Li em artigo recente um indigenista afirmar que os índios não batiam nos filhos. Mas, infelizmente, sacrificavam crianças quando suas mães morriam após o parto, costume que na década de sessenta grassava entre os irantches, no Mato Grosso.

Os castigos físicos chegaram com os europeus. Tanto a educação católica, quanto a protestante admitia esta prática. O auge do rigor ocorreu na escola de Port Royal, onde os jansenistas aplicavam uma pedagogia sádica. Qualquer falha era motivo de castigo.

A escola dos jesuítas de Lisboa, no século XVI ainda usava o açoite com varas para corrigir alunos faltosos. Um detalhe: quem aplicava os castigos eram os leigos, nunca os religiosos.

Conheci colegas de trabalho no início de meu magistério que eram famosas pelos beliscões que aplicavam em sala de aula. Minha mãe contava que a professora dela, no auge de sua autoridade, mantinha a palmatória dependurada na parede, como símbolo, porém, nunca a usara. Ela dá o nome à escola onde fiz meu curso primário.

Muito estranha foi a intervenção de um jornalista catarinense defendendo o uso da cinta como o melhor método educativo que os pais deveriam usar com seus filhos. Ouvindo o programa pensava estar em Esparta com sua educação militar na antiga Grécia.

Não longe estava a educação religiosa dos conventos, em que o silício era usado várias vezes por semana

## CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA 4 - (final)

como participação nos sofrimentos de Cristo. Enfim, sentir uma dor menor que o Redentor. Era uma ascética que confundia pelo fato de desacreditar a redenção. Afinal, o Redentor redimiu ou não? Monges e religiosos, assim como religiosas usavam pequenos chicotes para se açoitar e peças de arame com pontas rombudas para machucar as pernas e os braços. O pior desta pedagogia é que estes instrumentos eram feitos pelos próprios usuários. Proponho à sua imaginação ver alguém preparando um açoite para usar contra si mesmo! Creio que a psicologia trataria este caso como de neurose não tão branda.

Depois do ECA (estatuto da criança e do adolescente), muitos professores e educadores que usavam estas metodologias ficaram frustrados afirmando não ter mais meios para controlar as turmas. Outros, não educadores, julgavam que este estatuto só defenderia os “bandidos” contra a sociedade instalada no poder. Na verdade tratava-se de uma revolta por estar ficando cada vez mais difícil submeter as pessoas com menor força política, social e econômica.

Por estas razões a violência física foi sendo substituída pela violência velada, já comentada neste artigo.

Nossa civilização fez e faz sentir dor, com as mais variadas justificativas. A pior delas é quando se diz que se trata do “bem da criança”. Bem presente e bem futuro!

Assim age a pedagogia troglodita que nem sabe o que é psicologia, motivação, colaboração, afeto e reconhecimento de valores.

A disciplina escolar deve existir sob o comando de um pulso forte e de um coração que ama, para copiar um título de um livro de meu amigo Içami Tiba. A disciplina no lar deve basear-se na autoridade através da sintonia entre as partes que educam. Se o pais discordam entre si, os filhos serão deseducados.

Por fim, desembocamos numa outra lei recente, maldosamente apelidada de “lei da palmada”. O que a lei fala é da proibição de infligir dor. Então, inventaram modos de colocar a lei em ridículo. Dizia-me um psiquiatra que a palmada pedagógica que não inflige dor, deve ser aplicada de baixo para cima. A criança recebe mais força que qualquer outra coisa, percebendo que há algo mais forte na redondeza.

Como se vê, infelizmente, a humanidade através de suas instituições treina um monstinho. Pouco resta para que ele seja um malfeitor.

À época da escravidão, a visão do senhor de engenho permitia que capatazes batessem e até mutilassem escravos, a mais barata mão de obra para estes senhores. Mutilados, tinham a própria força de trabalho diminuída. Leitura fácil: prejuízo para o patrão e dono de terras.

Outra insensatez nos chega pela polícia. Por vezes, contra a lei, batem tanto nos presos que chegam a

matá-los. Acabam não desvendando crimes porque eliminaram as testemunhas.

Em Angola há uma lei que proíbe aos professores baterem nos alunos. No entanto, a violência física existe e as famílias em grande parte aprovam estas práticas. Trata-se da Lei 13 daquele país.

Os humanos desde os tempos do tacape e bordunas, vivendo em cavernas e sobrevivendo graças à força do próprio corpo, usando os movimentos macro motores apresentaram esta faceta violenta em relação aos seus semelhantes. No decorrer da história humana, mesmo havendo mudanças nos métodos, os maus tratos físicos e psicológicos permaneceram com uma capa de sofisticação.

Este conjunto de reflexões mostra, através da história, muitas práticas perversas que desembocam na violência incrementada pelo que se vê nos jogos eletrônicos, nos filmes violentos e na violência escancarada presenciada nas redes sociais.

Por fim, pensemos um pouco mais. Por que chegamos a este estágio que parece difícil de retroceder? Porque estamos amando coisas e comprando pessoas!

### Inclusão democrática na Escola

Sebastião A.B. de Carvalho

**S**empre que encontro referências à violência, volto-me para o meu artigo CIBEREDUCAÇÃO, onde preconizo uma reforma radical no processo educacional. Essa mudança vai desde a abolição da antiga sala-de-aulas até a participação do aluno em todas as partes do processo educacional, desde a elaboração dos currículos até a administração escolar. Tudo em parcerias com pais, professores e administradores.

Não apoiamos a modificação apressada, que o açodamento dos atuais detentores do poder ilegítimo ora em vigor no Brasil estão tentando impor à nossa sociedade. Nossa luta é por uma verdadeira e efetiva democratização da escola, com plena participação do aluno em todas as fases do processo.

Sustentamos, no citado artigo, que a violência na escola (e talvez fora dela) tenha sustentação na forma ditatorial com que os alunos são forçados a se manterem por horas a fio, todo dia, em salas de aulas que se transformam em autênticas prisões, obrigados a assistirem a aulas desinteressantes, com arroubos de falso conhecimento exercidos por professores despreparados e desestimulados face a salários aviltantes.

Na era da comunicação, quando a Internet coloca à disposição todo o conhecimento acumulado em décadas, precisamos repensar a educação e adaptar a Escola a esta nova realidade, sob pena de, ao invés de progredirmos, regredirmos!





Este jornal convidou o literato e professor ROBÉRIO CANTO para colaborar com este novel órgão de divulgação das letras e das artes de Nova Friburgo. O ilustre acadêmico aceitou prontamente, autorizando-nos ao uso de escritos existentes em seu blog e livros. Continuamos publicando seus escritos...

## Banhos e sutiãs

### A vaidade feminina há de achar melhor ter seios reguláveis do que regulares

**S**oube de uma novidade de grandes repercussões para a camada de ozônio, que está meio esburacada lá no espaço, e para o meio-ambiente, que anda bem arrasado aqui na Terra mesmo. Tem até gente que acha que se ambiente fosse importante não era meio, era inteiro. De qualquer forma, considero a notícia digna de registro. E a notícia é que o número de banhos entre os franceses, que antes não passava de dois por semana, tem aumentado. Segundo diz a revista, essa transformação se deve à progressiva substituição, naquele país, da banheira pelo chuveiro elétrico. De fato, encher a banheira demanda tempo e paciência, o sujeito acaba mesmo desistindo. Assim, nossos amigos europeus vão se rendendo à tecnologia e às comodidades que ela proporciona, neste caso com grandes benefícios para a pureza do ar. A longo prazo, a mudança pode acarretar inclusive que os franceses percam o interesse pelos perfumes, arma com a qual secularmente vêm compensando a pouca frequência com que se entregam à água e ao sabão.

Consta que os nossos índios tomavam banho não apenas todo dia, mas o dia todo. Eram quase anfíbios: viviam um tanto na terra e outro tanto nos rios e lagos, mares e lagoas. Os portugueses estranharam esse hábito selvagem de viver se lavando e até sentiam algum enjoo diante do cheiro de limpeza que emanava dos nativos. Mas, tais e tamanhos eram os encantos das índias que não houve Joaquim ou Manuel que não relevasse tanta higiene e com elas se embrenhasse mata a dentro. Por fim, acabaram eles mesmos se acostumando com o banho diário, coisa que em sua pátria seria considerado um claro sinal de loucura.

Pensando bem, isso de lavar-se amiúde é coisa de gente atrasada. Um dos meus tios, muito considerado na família por ser homem de invulgar bom-senso, sempre dizia que pessoas limpas não precisavam de mais do que um banho de vez em quando ou, como ele dizia, de longe em longe. O mesmo pensava um personagem de Graciliano Ramos que, ao ouvir uma senhora manifestar o desejo de tomar banho antes de ir dormir, comentou em surdina: “Moça porca!”

Outra notícia que li diz respeito não às moças porcas, mas àquelas que são parcas de busto ou assim se julgam. Dizem as estatísticas que mais da metade dos sutiãs vendidos no Brasil já vem com algum tipo de recheio, a fim de socorrer as mulheres mais desprovidas de enchimento próprio. Até agora o truque era feito com algodão ou água. Mas acaba de ser lançado um novo modelo, que poderíamos chamar de “seios reguláveis”. A vaidade feminina há de achar melhor

ter seios reguláveis do que regulares. A dita novidade traz como acessório uma pequena bomba de ar. Dessa forma, com umas poucas bombadas, qualquer mulher pode ampliar seus encantos, tornando-se opulenta justamente na região onde a natureza a tratou com sovinice.

O sutiã, nos tempos de maior nacionalismo, chamava-se porta-seios. O nome era dos mais adequados, porque já de saída deixava claro a que a peça se destinava. Mas a modernidade varreu a palavra do dia a dia das brasileiras e ela somente sobrevive, a duras penas, nas páginas dos dicionários. Também chegou a supor-se que a transformação dos costumes o tornaria uma peça de museu. Para as feministas mais radicais, a libertação das mulheres passava pela abolição desse símbolo de submissão às preferências dos machos. E, por fim, veio o silicone, levantando o caído, transformando o diminuto em volumoso e em formoso o que era feio. Parecia o último golpe de misericórdia no sutiã. A tudo isso ele resistiu. E talvez a sua sobrevivência se deva justamente a essa capacidade de adaptar-se e buscar sempre novas formas de corresponder às fantasias femininas (ou masculinas!). Enfim, o sutiã nunca deixou de ser, para as mulheres, um amigo do peito. Só faltava inflar ou minguar, conforme o gosto da freguesa. Não falta mais.

É correr às lojas e aproveitar. O sutiã que enche e esvazia como pneu de bicicleta é uma ilusão, mas o que é a beleza, afinal, senão uma ilusão do olhar?

**Do livro “Onde dormem as nuvens”**

### Amigo do peito!

Sebastião A.B.de Carvalho

**C**aracterísticas femininas sempre foram motivo de graça por parte de piadistas de toda ordem! Até na propaganda houve motivos de chacota levada a sério, como no caso do xarope Bromil, o “amigo do peito”...

**As tentativas para contentar as mulheres descontentes com seus atributos naturais foram muitas... E hoje vemos o uso da tecnologia para que elas tenham um eficiente atendimento.**

**O silicone veio para ficar... E os bustos cresceram em grandes proporções, chegando a se apresentarem em muitos casos como deformidades grotescas!**

**Que saudade do tempo em que uma Audrey Hepburn aparecia com aqueles atributos pequenos, bem feitos, delicados e levemente sensuais! Hoje o que vemos são arremedos exagerados de Fafá de Belém, com versões tamanho gigante, que só desagradam!**



## Artista brasileira resgata a arte impressionista de Van Gogh

Rosa Maria coloca sua inspiração a serviço do resgate da beleza, exaltada pelos artistas impressionistas europeus

FAREMOS, aqui, a divulgação da obra de ROSA MARIA WERNECK ROSSI DE CARVALHO, reproduzindo telas por ela pintadas. Apresentamos algumas de suas produções, nas quais ela nos oferece um belo visual multicolorido, exprimindo seu amor pela natureza, numa interpretação plena de sensibilidade e técnica.

### GALERIA RM CARVALHO - 13



RMRC90= Amor Perfeito cor



RMRC81 = Girassóis



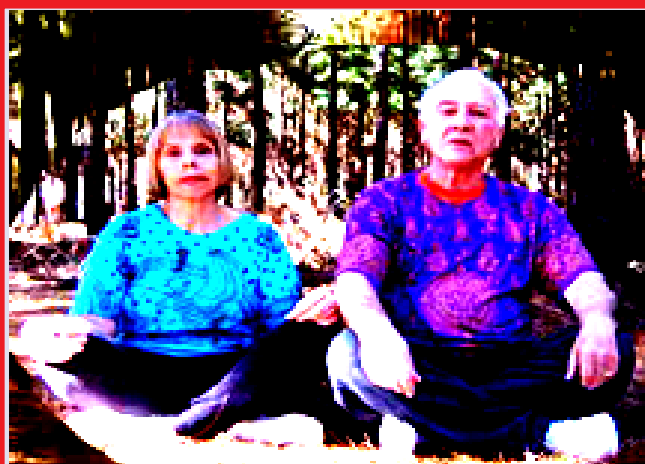
RM62 = New Starry Night



Paint 53 = Árvores e montanhas

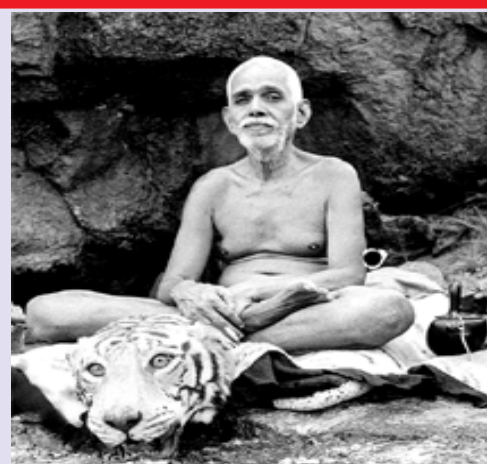


**ROSA MARIA** nunca frequentou curso de desenho e pintura, nem foi precocemente introduzida nas artes plásticas. Simplesmente, um dia, ela resolveu tentar pintar aquilo que estava vendo com sua visão interna! A influência do Mestre Vincent van Gogh faz-se sentir, e ela então se entrega ao trabalho com grande entusiasmo e devoção. No ritmo que a vida normal permite, Rosa Maria faz o seu trabalho!...



Indrananda & Mahabhutani

**Jóias da Filosofia Vedanta**  
Obras que trazem o substrato espiritual -- nossa herança mais cara -- para o alcance dos estudiosos que trabalham, agora, pela transcendência, edificando um Mundo Melhor.



Sri Ramana Maharshi

### 3 - Onipresença Divina Sri Ramana Maharshi

Escrita por:  
Mahabhutani e Indrananda


**APRESENTAÇÃO** - A Natureza é pura arte, que nos é dada graciosamente, mas que deve ser cuidada, para que dê os melhores frutos.

Plantamos, tratamos com carinho, não colhemos, mas simplesmente apreciamos a beleza das flores, fazendo como os pássaros, que delas desfrutam, sem maltratá-las, e sim as ajudam em seu desdobramento para a vida...

Outros seres, alguns microcósmicos, trabalham para isso, enquanto se beneficiam dos nutrientes que o mundo vegetal propicia...

**Em tudo que fazemos e pensamos  
Existe uma Força Maior que nos  
comanda: É a Presença de Deus.**

#### Capítulo 1 - ONIPRESENÇA DIVINA

 Ao sentirmos o frescor da brisa que vem através da folhagem de uma árvore, vislumbramos a existência d'ELE. Ao ouvirmos o som harmonioso das águas, ao se lançarem nas areias da praia, podemos escutar a Voz d'ELE. Ao contemplarmos a Luz das Estrelas do Sol e da Lua, visualizamos ELE. É por isso que os Ensinamentos contidos na Nova Doutrina, mostram-nos que tudo é DEUS, e que ELE se manifesta através da Natureza e de nós próprios, em cujo SER habita. (ND 7.11.)

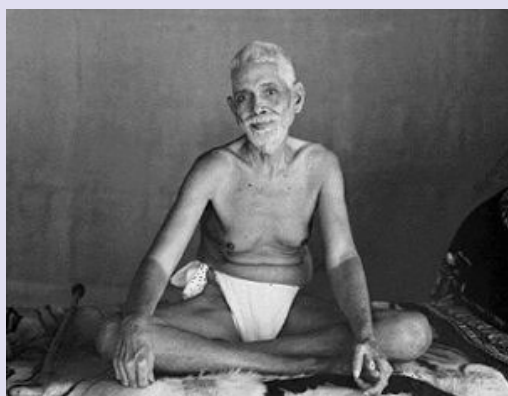
ND= Nova Doutrina Ver: [www.nitcult.com.br/nd.htm](http://www.nitcult.com.br/nd.htm)

A Natureza é pródiga em efeitos especiais para aquele que está atento a suas mais sutis manifestações.

Apreciá-la simplesmente como algo que oferece beleza, alimenta o Ego com um prazer estético que já inspirou poetas e artistas de várias espécies a produzirem lindas obras. Tudo isso é muito bom. Mas é preciso que não se pare nesse plano artístico-intelectual. É mister que se vá muito além, procurando ver, ouvir e sentir as sutis mensagens através das quais Deus se manifesta.

Na Meditação bem orientada, de olhos abertos, de sentidos despertados, de sensibilidade aflorada, pode o Discípulo ascender a planos bem mais elevados, chegando a ver, ouvir e sentir a Deus. Mas é preciso que sejam superados os parâmetros estritamente materiais que afloram assim que o Discípulo se dispõe a apreciar a bela materialidade da Mãe Natura. Maya, a ilusão da matéria, mostra-se em toda sua pujança, superpondo-se à sutileza da matéria espiritual que a permeia, sendo a Essência do Tudo.

Ver, ouvir e sentir essa Essência é o desiderato daquele que resolveu dedicar sua vida terrena ao sagrado objetivo da Evolução Consciente, sob a égide dos Mestres, Mahatmas e Gurus, e a orientação contida na Nova Doutrina.



**ONIPRESENÇA DIVINA**  
**BHAGAVAN SRI RAMANA MAHARSHI**  
**FALA DE DEUS**

Outrora, o homem vivia a maltratar animais e plantas, como se fossem meros objetos insencientes... indiferente ao extremo sofrimento que causava!...

Mas isso acabou! Ou pelo menos arrefeceu, diante do progresso da consciência ecológica dos tempos atuais!...

Estamos celebrando esta realidade, colocando juntos alguns belos aspectos da Natureza, representados por flores cultivadas em nosso jardim, e algumas jóias do Conhecimento Superior que, inspirados pelo Excelso Guru, Bhagavan Sri Ramana Maharshi, escrevemos, para ajudar os que aspiram à Iluminação e ao Serviço à Humanidade.

Que este singelo trabalho seja um alicerce, dentre os muitos, para que, sobre todos eles, possamos, com Fé e Amor, realizar a Grande Obra!

MAHABHUTANI & INDRANANDA

**Obras que serão apresentadas nesta página:**

**EU SUPERIOR, CONSCIÊNCIA ABSOLUTA - ONIPRESENÇA DIVINA -  
A SUPREMA ESSÊNCIA - OS INVÓLUCROS DO SER - AOS PÉS DO GURU.**